

“Caleidoscópico... Uma exploração fascinante da ação individual que nunca perde de vista o contexto mais amplo... Exatamente o tipo de estudo investigativo, matizado e implacável que nos ajuda a refletir.” – *The New York Times*

SEGUIDORES DE HITLER



RICHARD
Autor best-seller da trilogia Terceiro Reich
J. EVANS

**OS ROSTOS
DO TERCEIRO
REICH**

CRÍTICA

SEGUIDORES DE HITLER

**RICHARD
J. EVANS**

**OS ROSTOS
DO TERCEIRO
REICH**

Tradução
Rafael Rocca

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Richard J. Evans, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Copyright da tradução © Rafael Rocca, 2026
Todos os direitos reservados.
Título original: *Hitler's People: The Faces of the Third Reich*

Preparação: Ana Maria Fiorini
Revisão: Queni Winters e Patrícia Zagni
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Capa: Daniel Justi
Imagem de capa: Shawshots / Alamy / Fotoarena

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Evans, Richard J.
Seguidores de Hitler : os rostos do Terceiro Reich / Richard J. Evans ; tradução de Rafael Rocca. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
672 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-422-4182-2
Título original: *Hitler's People: The Faces of the Third Reich*

1. Adolf Hitler – Seguidores 2. Nazismo 3. Alemanha – História – 1933-1945
I. Título II. Rocca, Rafael

26-1100

CDD 320.53

Índice para catálogo sistemático:
1. Adolf Hitler – Seguidores

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo e outras fontes controladas

2026
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista
São Paulo – SP – CEP 01310-913
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

<i>Lista de ilustrações</i>	9
<i>Prefácio</i>	11
<i>Prólogo: A dama no julgamento</i>	19

PARTE I. O LÍDER

Introdução	25
1 O ditador: Adolf Hitler	33

PARTE II. OS PALADINOS

Introdução	139
2 O “homem de ferro”: Hermann Göring	145
3 O propagandista: Joseph Goebbels	171
4 O soldado: Ernst Röhm	189
5 O policial: Heinrich Himmler	207
6 O diplomata: Joachim von Ribbentrop	229
7 O filósofo: Alfred Rosenberg	251
8 O arquiteto: Albert Speer	271

PARTE III. OS EXECUTORES

Introdução	289
9 O vice: Rudolf Hess	293
10 O colaborador: Franz von Papen	311
11 O “trabalhador”: Robert Ley	333

12 O diretor de escola: Julius Streicher	351
13 O carrasco: Reinhard Heydrich	367
14 O burocrata: Adolf Eichmann	385
15 O falastrão: Hans Frank	401

PARTE IV. OS INSTRUMENTOS

Introdução	423
16 O general: Wilhelm Ritter von Leeb.	429
17 O profissional: Karl Brandt.	447
18 Os assassinos: Paul Zapp e Egon Zill	461
19 A “bruxa” e a “fera”: Ilse Koch e Irma Grese	475
20 A mãe: Gertrud Scholtz-Klink	489
21 A estrela: Leni Riefenstahl	505
22 A delatora: Luise Solmitz	523
<i>Conclusão</i>	545
<i>Epílogo: A senhora no trem</i>	557
<i>Notas</i>	561
<i>Bibliografia</i>	625
<i>Índice remissivo</i>	653

O DITADOR: ADOLF HITLER

I

Durante os primeiros trinta anos de sua vida, Adolf Hitler foi um anônimo. Ele nasceu na obscuridade em Braunau, na Áustria, em 20 de abril de 1889, filho de um funcionário público austríaco de pouca importância. A ausência de informações foi preenchida por especulações, a maior parte delas sem qualquer base sólida em evidências, boa parte delas motivada por um desejo equivocado de encontrar explicações para sua carreira posterior em uma patologia individual supostamente distorcida, enraizada nas experiências de seus primeiros anos.¹ Não se pode confiar nem no próprio relato de Hitler em seu volume político autobiográfico, o *Mein Kampf*. Ele não cresceu na pobreza, ao contrário do que sugeriu, nem seu pai, Alois, parece ter sido um alcoólatra. No entanto, o uso de castigos corporais pelo seu pai a fim de mantê-lo na linha parece ter sido maior do que era normal na Áustria do final do século XIX e sem dúvida Hitler dizia a verdade quando afirmou que temia seu pai mais do que o amava.² Ainda assim, seu pai apoiou seu desejo de ser artista, ao contrário da impressão deixada no *Mein Kampf*. Em 1900, reconhecendo seu talento para o desenho, o seu pai o matriculou não no liceu humanístico, que o teria qualificado para uma carreira profissional, mas sim num liceu técnico (*Realschule*).³ Visivelmente indisciplinado na escola em Linz, o jovem Hitler passava grande parte do seu tempo desenhando e pintando. Porém, quando, em 1907, se candidatou à Academia de Belas Artes de Viena, foi rejeitado sob a

alegação de que não conseguia desenhar a cabeça humana. O diretor lhe disse para estudar arquitetura, mas Hitler não tinha as qualificações necessárias para ingressar na academia. Mesmo assim, continuou a se considerar um artista antes de tudo.⁴

Nessa altura, os pais de Hitler já tinham morrido, o seu pai em 1903 e a sua mãe, Klara, de quem era muito mais próximo, em 1907. Em 1908, mudou-se para Viena, onde permaneceu durante os cinco anos seguintes. Vivendo da herança da mãe, de uma pensão de órfão e de subsídios da família, não sentiu necessidade de arrumar um emprego. Em vez disso, desperdiçava seu tempo desenhando e fazendo rascunhos, lendo – particularmente lendas germânicas e as histórias do velho oeste de Karl May, com sua curiosa atmosfera de destruição, declínio e redenção através da violência – e indo à ópera, assistindo sobretudo aos dramas musicais de Richard Wagner, baseados em grande parte em mitos medievais e em sagas de heroísmo cavaleiresco, amor e morte. Sua afirmação posterior de que teria se tornado um seguidor do político austríaco nacionalista e antissemita extremista Georg Ritter von Schönerer deve ser tratada com ceticismo. Da mesma forma, sua afirmação no *Mein Kampf* de ter se tornado um antissemita radical em Viena foi desmentida pelas suas boas relações com vários judeus durante os seus anos lá.⁵ Não há, de fato, nenhuma evidência confiável de que nessa época ele estava interessado em política ou imbuído de ódio aos judeus. O melhor amigo de Hitler durante a adolescência, o estudante de música August Kubizek, que mais tarde se tornou violinista profissional e maestro de teatro, deixou uma impressão vívida de seu caráter. Apaixonado, articulado e enérgico, Hitler, lembrou ele, adorava conversar e falava sobre muitos assuntos. O que ele precisava, porém, não era de um interlocutor, mas de um ouvinte. Os dois adolescentes se tornaram amigos porque eram frequentadores regulares da ópera de Linz e dividiram alojamento por algum tempo. Um jovem sério, Hitler, lembrou Kubizek, tinha pouco senso de humor, embora gostasse de zombar das pessoas que conhecia. Ele guardava seus sentimentos mais íntimos para si mesmo, embora Kubizek tenha relatado que ele se apaixonou por uma garota chamada Stefanie, mas que era tímido demais para fazer algo a respeito. Ainda assim, Kubizek era da opinião de que a sexualidade de Hitler era “absolutamente normal”. Suas rigorosas

opiniões morais burguesas, no entanto, mantiveram-no afastado dos bordéis e das prostitutas, tão sedutoras para tantos dos jovens contemporâneos do sexo masculino. Obcecado por arte e arquitetura, dedicou muito tempo ao redesenho imaginário de vilas e cidades, sobretudo de Linz, ocupação que o acompanhou até o fim da vida.⁶

Em 1908, Hitler havia gastado a herança da mãe e enfrentava sérias dificuldades financeiras, sobretudo porque gastava muito para ir à ópera. Foi forçado a morar em um albergue masculino para moradores de rua por muitos meses e uma segunda tentativa de entrar na Academia de Belas Artes foi bruscamente rejeitada. Firmemente convencido de que se tornaria um grande artista, recusou-se a se comprometer ou a se contentar com uma vida comum. Por sugestão de um amigo do albergue, ele pintou e vendeu quadros copiados de cartões-postais, o que lhe rendia uma pequena renda, mas foi somente em seu vigésimo quarto aniversário, em abril de 1913, que conseguiu uma herança sólida de um parente. Tendo assegurado um rendimento modesto, porém suficiente, mudou-se para Munique, em 25 de maio de 1913, e trocou o meio multicultural no qual havia vivido recentemente em Viena por uma Alemanha que claramente admirava e à qual, ele achava, realmente pertenciam os falantes de alemão, como ele próprio. Contudo, continuou sendo cidadão austríaco e foi ordenado pela polícia bávara a voltar à Áustria para prestar o serviço militar obrigatório. Quando compareceu ao alistamento, seu exame médico o designou como “muito fraco” fisicamente e assim ele pôde regressar a Munique. Ali, continuou a sua existência sem rumo durante os meses seguintes, sentado nos cafés de Schwabing, um bairro conhecido como reduto de artistas e boêmios, vendendo seus exemplares de cartões-postais. Nada em sua vida até então indicava uma futura carreira na política. Sua vida havia sido um fracasso, suas ambições não realizadas e sua posição social inicial, crescendo numa família solidamente burguesa, tinha caído ao nível mais baixo possível. De todos os líderes nazistas, ele era o mais inferior, e o seu declínio social, o mais elevado.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial no final de julho de 1914 pareceu resolver todos os problemas de Hitler. Ele afirmou no *Mein Kampf* que foi o melhor momento de sua vida, e não há razão para não acreditar nele. Cheio do esmagador patriotismo alemão estampado

em seu rosto na famosa fotografia que o flagrou no meio da multidão reunida na Odeonsplatz de Munique, em 2 de agosto de 1914, para comemorar a entrada da Alemanha na guerra, ele se alistou no exército bávaro em 16 de agosto após uma rejeição inicial. Na corrida caótica pelo recrutamento em massa, ninguém parece ter reparado que ele ainda era cidadão austríaco ou que não estava fisicamente apto para combate. Depois de passar por um rápido treinamento rudimentar, foi enviado com seu regimento para a frente ocidental. Sobreviveu a seu batismo de fogo num combate feroz com tropas britânicas, foi promovido ao posto conhecido como *Gefreiter* e recebeu funções como mensageiro, transmitindo as ordens do quartel-general de campo para a frente de batalha. Sua promoção não lhe dava o direito de dar ordens a outros soldados, como um verdadeiro cabo; ele seria mais bem descrito como um “soldado sênior”. A concessão de uma Cruz de Ferro de Primeira Classe é muitas vezes considerada uma prova de bravura excepcional, mas, embora sua real posição como despachante do quartel-general do regimento de fato envolvesse alguma exposição ao perigo, consistia principalmente de atividades atrás da linha de frente. Servir no QG colocava soldados como Hitler em contato próximo com oficiais que tinham o poder de conceder medalhas, e esses soldados eram pouco representados entre os ganhadores da Cruz de Ferro.⁷

Seus colegas soldados não se lembravam dele nem como excepcionalmente corajoso nem como notavelmente covarde: dizia-se que desempenhava suas funções com calma e eficiência. Um tanto solitário, ele era considerado por seus camaradas um excêntrico, “o artista”, como o chamavam. Enquanto os outros conversavam e brincavam, fumavam, bebiam ou visitavam bordéis, Hitler não fazia nada disso e ficava sentado sozinho, lendo. Se eles eram céticos em relação à guerra, Hitler reafirmava repetidamente seu compromisso com a vitória total, embora geralmente o fizesse em privado, como atesta o que restou de sua correspondência. Quando membros do seu regimento participaram da espontânea “trégua de Natal” para o futebol, em dezembro de 1914, Hitler se recusou a se juntar a eles. Como outros soldados, rapidamente se desfez das ilusões românticas e heroicas que o inspiraram a se alistar. Em seu lugar, Hitler aprendeu a ser duro, implacável e indiferente ao sofrimento e à morte. A hierarquia e a disciplina militares deram

um sentido de ordem e de estrutura à sua vida, embora não procurasse promoção, nem fosse considerado, pelos seus superiores, apto para um posto mais elevado. Em 5 de outubro de 1916, ele foi ferido por estilhaços na coxa, mas sem risco de morte. Participou da malsucedida ofensiva da primavera de 1918 na frente ocidental. Poucos meses depois, ficou temporariamente cego devido a um ataque de gás mostarda e foi enviado para tratamento e recuperação em um hospital atrás das linhas de frente, na cidade de Pasewalk, na Pomerânia. Foi ali que ele ficou sabendo, em 10 de novembro de 1918, da derrota final alemã, da derrubada do Kaiser e da eclosão da revolução, liderada por conselhos de trabalhadores e soldados de esquerda.⁸

II

Os conselhos de trabalhadores e soldados rapidamente cederam à firme oposição que o Partido Social-Democrata fazia ao Kaiser. Esse partido assumiu a liderança do país e, apoiado pelos liberais e pelo Partido do Centro, católico, estabeleceu uma nova ordem política, muito mais progressista do que a política autoritária de Bismarck e do Kaiser. A constituição republicana, aprovada numa Assembleia Nacional Constituinte realizada no centro cultural de Weimar, a cidade dos poetas clássicos alemães Goethe e Schiller no final do século XVIII, era totalmente democrática, dando às mulheres pela primeira vez o direito de voto e tornando os governos responsáveis perante a legislatura e o eleitorado. A República de Weimar, como passou a ser chamada, teve de enfrentar muitas dificuldades. O Tratado de Versalhes, que selou a vitória dos Aliados na guerra, tirou aproximadamente 13% do território e da população alemã nas fronteiras oriental e ocidental, tirou as colônias ultramarinas do controle alemão e restringiu o exército alemão a 100 mil homens, ao mesmo tempo que proibiu aeronaves e navios de combate. A Alemanha teve de pagar grandes reparações financeiras em ouro pelos danos causados pela ocupação da Bélgica e do nordeste de França. A estabilidade política foi muito dificultada pelo fato de existirem nada menos do que seis grandes partidos políticos, refletindo divisões profundas e de longa data de classes, regiões e religiões no eleitorado: os

sociais-democratas, os comunistas, o centro católico, os nacionalistas, os liberais de direita e os liberais de esquerda. Muitos grupos políticos conservadores, nacionalistas e de extrema direita se recusavam a aceitar a legitimidade da nova república e ansiavam pelo regresso do Kaiser. Na esquerda, os comunistas condenavam a república chamando-a de “capitalista” e trabalhavam por uma revolução que introduziria um regime nos moldes soviéticos. Sob a nova constituição, a proporção dos votos obtidos por qualquer partido se traduzia diretamente na proporção de assentos obtidos no legislativo. Todos os governos tinham forçosamente de se coligar a diferentes partidos, mas isso era menos uma consequência da representação proporcional do que do sistema multipartidário que a república herdara do reinado do Kaiser.

A afirmação posterior feita por Hitler de que foi a revolução de 1918 que o fez decidir entrar na política é uma drástica simplificação. Sua entrada no mundo da política foi um processo mais gradual. Não há razão para duvidar de seu choque ao tomar conhecimento da derrota da Alemanha e dos termos do armistício, mas muitos meses se passaram até que ele começasse a agir politicamente. Inicialmente, na ausência de qualquer outro tipo de emprego, ele voltou ao exército. Permaneceu inativo depois que o líder do conselho revolucionário dos trabalhadores e dos soldados da Baviera, Kurt Eisner, foi assassinado em Munique por um fanático nacionalista em 1919, sendo sucedido por um regime anarquista de curta duração e depois por um conselho de comunistas de linha dura, cujo governo em Munique, a capital da Baviera, culminou num banho de sangue causado por soldados voluntários dos “Corpos Livres” enviados pelo governo eleito social-democrata moderado da Baviera liderado por Johannes Hoffmann. Tal como muitos direitistas na Baviera, Hitler provavelmente viu em Hoffmann a única esperança imediata de restaurar a ordem, por isso sua vontade inicial de apoiar os sociais-democratas. Eleito por seus colegas soldados para representá-los, ele foi escolhido pelos oficiais para investigar a conduta das tropas durante os eventos revolucionários e depois para ajudar em cursos de “educação” contrarrevolucionária aos soldados. Logo atraiu a atenção pelo que um ouvinte chamou de “fanatismo” e sua óbvia popularidade junto ao público. Ele assumiu essas funções provavelmente como uma forma de ficar no exército, uma vez que não havia nenhuma outra

forma viável de se sustentar, mas o resultado foi que sua identidade como soldado passou a ceder lugar a uma nova autoconsciência como político. Contudo, em muitos aspectos, ele continuou a levar consigo sua personalidade militar: para Hitler, a política era a guerra por outros meios. Nas apresentações de si mesmo que fez pelo resto de sua vida, ele sempre enfatizou os seus anos como soldado comum da linha da frente, um homem do povo em uniforme militar.⁹

No centro da visão política emergente do mundo pós-guerra de Hitler, então com 31 anos de idade, havia um antissemitismo raivoso. Os nacionalistas de extrema direita que triunfaram com a entrada dos Corpos Livres em Munique consideraram a revolução obra de uma conspiração judaica e os regimes de conselho criação de judeus subversivos. Vários dos revolucionários, de Kurt Eisner a Ernst Toller e Eugen Leviné, eram de origem judaica, embora quase todos eles, na condição de socialistas radicais, houvessem repudiado sua identidade judaica. Mas isso dava uma plausibilidade superficial às afirmações de que a cidade estava vivendo sob o “domínio judaico” até a chegada dos Corpos Livres. A primeira expressão de Hitler do seu novo ódio extremo e obsessivo pelos judeus, numa carta a um dos estudantes do seu curso, Adolf Gemlich, dava vazão à crença de que, durante milhares de anos, a raça judaica se caracterizava intrinsecamente pela subversão, pela destruição cultural e pela ganância materialista. Contudo, em vez de responder com pogroms violentos, Hitler declarou que um antissemitismo “racional” era mais eficaz, o que significava a expulsão dos judeus do país por um meio ou outro. Era importante compreender, disse ele a Gemlich, que “os judeus [são] definitivamente uma comunidade de raça e não de religião”. Os judeus eram portadores de uma “tuberculose racial dos povos”. Tudo o que queriam era dinheiro e poder. Seu objetivo final era “governar o mundo”: por isso, só eles tinham um traço “internacional”. Os governos que substituíram o Kaiser e os príncipes alemães eram meros instrumentos dos judeus. A imprensa também. Os bancos também. Em quase todos os discursos do início da década de 1920, Hitler repetiu obsessivamente essas afirmações fantásticas. Não havia nada de particularmente original nelas. Eram uma versão mais extremada de um sentimento generalizado entre os nacionalistas e conservadores alemães de que, de alguma forma, tinham roubado da

Alemanha a vitória na Primeira Guerra Mundial e de que forças malignas, localizadas principalmente na esquerda, eram as responsáveis por tanto. O que era incomum era a veemência e a eficácia com que Hitler começou a propagar essas opiniões.¹⁰

Na década seguinte ao fim da Primeira Guerra Mundial, a campanha política ainda era dominada por discursos públicos em assembleias de massa, seja em algum tipo de sala de reuniões (os porões de cervejarias eram os locais preferidos na Baviera), seja ao ar livre. O rádio ainda estava em seu início e a televisão, nos primeiros estágios de desenvolvimento. Hitler descobriu que tinha um talento para instigar multidões com o qual nenhuma outra figura política da época conseguia competir. Até 1928, ele discursou sem microfone ou alto-falante. Mesmo antes de terem os recursos do Estado à sua disposição, os nazistas se certificaram de envolver os discursos de Hitler numa vasta gama de rituais, incluindo músicas, estandartes e bandeiras hasteadas por ativistas nazistas uniformizados. Mantinha-se o público esperando até que Hitler chegasse, inevitavelmente atrasado, para começar seu discurso, inflando deliberadamente o sentimento de expectativa. Primeiramente, sua voz profunda e ressonante capturava o público e começava calmamente, com longas pausas, fazendo com que os ouvintes se concentrassem em suas palavras. Então expunha seus pontos de vista com frases curtas e simples e chegava ao clímax à medida que se aproximava de sua peroração, o rosto brilhando, os braços e os punhos marcando suas palavras em gestos cuidadosamente ensaiados. Ao final, levava consigo o público, num frenesi de emoção, a uma apoteose quase religiosa. Reduzia as complexidades da política a uma série de fórmulas simples. Tudo era uma questão de bem ou mal, de certo ou errado; tudo era absoluto, todas as soluções eram definitivas. Ele sabia como falar com pessoas comuns em sua própria língua, aprendendo, pela observação de seu público enquanto falava, o que funcionava e o que não funcionava. Às vezes, usava uma linguagem quase religiosa para se projetar, prometendo, por exemplo, um “império de força, de grandeza e de glória” quando chegasse ao poder e confessando em termos pseudocristãos: “Sim, de fato, combatarei o sofrimento do meu povo”.¹¹

O sarcasmo ajudava a reduzir os objetos políticos do seu desprezo a meros objetos de ridículo: o seu amigo Ernst “Putzi” Hanfstaengl

“captou a linguagem das piadas de café dos escritores vienenses”, “um humor zombeteiro que atingia o alvo sem parecer impetuoso ou rude”.¹² Ao mesmo tempo, durante a década de 1920 Hitler desenvolveu uma capacidade de ir muito além da mera criação de bordões e de impressionar o público com seu considerável domínio dos detalhes. Ele preparava e ensaiava seus próprios discursos e falava sem roteiro, embora com a ajuda de algumas notas rabiscadas, de modo que suas palavras pareciam, para o público, vir espontaneamente do coração. Afirmava que tinha aprendido com o Partido Socialista Austríaco como direcionar a propaganda às massas, cujas capacidades intelectuais limitadas as tornavam receptivas a apelos emocionais. Para capturá-las era necessário criar bordões simples, repeti-los indefinidamente, nunca qualificar ou se desviar da mensagem principal. As massas eram efeminadas e precisavam ser dominadas. Ao começar a falar em público, Hitler rapidamente percebeu a natureza extraordinária de seu talento e rapidamente ganhou confiança no novo mundo político em que estava entrando.¹³

Esse era o mundo dos pequenos grupos nacionalistas de extrema direita de Munique que floresciam e se multiplicavam na atmosfera contrarrevolucionária do início da década de 1920. Com o objetivo de ter sucesso onde o Kaiser havia falhado, eles viam os social-democratas e os comunistas como inimigos da Alemanha, dominados pelos judeus, e procuravam conquistar para si as classes trabalhadoras com uma mistura de políticas pseudossocialistas e ultranacionalistas e bordões antisemitas. Um desses grupos, que se autodenominava Partido dos Trabalhadores Alemães (a chave para o seu caráter de extrema direita é a palavra “alemães”, apontando deliberadamente para um contraste com o internacionalismo declarado da esquerda) e era liderado pelo serralheiro Anton Drexler, pareceu aos superiores hierárquicos do exército de Hitler adequado para servir aos seus objetivos contrarrevolucionários; assim, enviaram-no para uma reunião dele, em 12 de setembro de 1919, para ver o que poderia ser feito. Incapaz de resistir a levantar objeções a algumas das opiniões ali expressas, Hitler atraiu a atenção dos dirigentes do partido, que rapidamente começaram a utilizá-lo como orador. Em pouco tempo, seu sucesso lhe permitiu afastá-los, transformando o Partido dos Trabalhadores Alemães de uma pequena seita conspiratória em um movimento político público, rebatizando-o de

Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). “Socialista”, nesse contexto, como ele fazia questão de explicar, “não tinha nada a ver com o marxismo” porque valorizava a propriedade privada e o indivíduo; apenas exigia que os valores nacional-socialistas fossem mantidos “em consonância com os da comunidade”.¹⁴

Ele criou um programa de partido com vinte pontos, que incluía tirar os direitos de cidadania dos judeus e confiscar “lucros de guerra”, ou, em outras palavras, levar à sua aniquilação econômica. Condenava a democracia parlamentar como corrupta e dizia que o “fortalecimento do poder central” apontaria para o estabelecimento de uma ditadura. O programa foi declarado “inalterável” porque Hitler não queria a espécie de disputas intermináveis que atormentavam os partidos políticos normais. Pouco tempo depois, o programa foi em grande parte posto de lado e os nacionais-socialistas (“Nazis” na forma abreviada, análoga ao “Sozis” dos sociais-democratas) nunca apresentaram o tipo de manifesto comum a outros partidos políticos em épocas eleitorais. Hitler aprovou um desenho para a bandeira do partido que combinava habilmente as antigas cores imperiais – preto, branco e vermelho –, a fim de atrair os conservadores e os monarquistas tradicionais, com o fundo vermelho sugerindo o socialismo e a cruz preta em forma de gancho, ou suástica, dentro de um círculo branco denotando racismo, ultranacionalismo e antisemitismo. E, a partir de 7 de agosto de 1920, Hitler passou a sublinhar o caráter revolucionário do partido, dirigindo-se a seu público não no estilo burguês tradicional, como “*Meine Damen und Herren*” (“senhoras e senhores”), mas como “*Volksgenossen und -genossinnen*” (“camaradas da raça, homens e mulheres”), brincando deliberadamente com o uso de “camarada” pela esquerda.¹⁵

Na primavera de 1920, a subida de um governo fortemente de direita na Baviera sob a liderança de Gustav Ritter von Kahr ajudou a criar condições mais favoráveis para os nazistas e outros grupos de extrema direita. Após um golpe reacionário em Berlim evitado por pouco devido a uma greve geral liderada por sindicatos social-democratas e uma série de assassinatos de líderes políticos liberais e de esquerda cometidos por jovens fanáticos de um grupo terrorista clandestino, a “Organização Cônsul”, a República de Weimar parecia incapaz de superar os problemas dos seus primeiros meses. A autoconfiança de Hitler crescia com

o tamanho cada vez maior do público que ele atraía e, quando outros membros da liderança do partido propuseram uma fusão com outro grupo de extrema direita, ele se demitiu em protesto. Sabiam que ele era indispensável e cederam, admitindo-o de volta com poderes ditatoriais sobre o partido. À medida que a sua crescente proeminência na extrema direita começava a atrair um círculo de lugares-tenentes à sua volta – entre os quais Rudolf Hess, Hermann Göring, Heinrich Himmler, Ernst Röhm, Alfred Rosenberg e Julius Streicher, ao lado de alguns dos seus patrocinadores originais, como Anton Drexler, Dietrich Eckart e Gottfried Feder –, a indisfarçada admiração deles reforçou ainda mais sua confiança e, finalmente, convenceu-o de que ele acabaria com a humilhação da Alemanha e levaria o país a um futuro glorioso. No final de 1922, os membros do partido se referiam a ele como o Líder (*Der Führer*) e começaram a usar a saudação *Heil Hitler!*, que se tornou obrigatória dentro do partido em 1926.¹⁶

Assim que Hitler assumiu o comando do movimento nazista, uma nova violência física surgiu em seu repertório político. O partido já usava seguranças em suas reuniões públicas, mas, ao longo de 1921, começaram a ser mais organizados, ficando conhecidos informalmente como *Sturmabteilungen* ou “Tropas de Choque”, lideradas por Hans Ulrich Klitzsch, um jovem ex-membro do esquadrão de assassinos de extrema direita, a “Organização Cônsul”. Eles espancavam e expulsavam manifestantes nos comícios de Hitler e, acompanhados por ex-membros dos Corpos Livres, armavam-se com facas, cassetetes de borracha, soqueiras e até revólveres e granadas para travar batalhas intensas contra as unidades paramilitares de outros partidos políticos, especialmente os sociais-democratas. Depois de liderar uma briga particularmente sangrenta em uma sala de reuniões, Hitler e outros nazistas foram presos, levados a julgamento e condenados a três meses de prisão por perturbar a paz. Mas os nazistas de forma alguma estavam sozinhos no uso da violência política organizada. A militarização da política foi uma consequência de quatro anos de guerra seguidos por um período de conflito armado em muitas partes da Europa, da Irlanda à Silésia. O surgimento do comunismo, nascido na violência da revolução bolchevique e dedicado a derrubar a democracia “burguesa” e a ordem social vigente, radicalizou ainda mais os antagonismos políticos. Na Itália, o antigo

socialista Benito Mussolini liderou os seus *squadristi* na tomada violenta de vilas e cidades do norte, culminando na ameaça da “Marcha sobre Roma”, que efetivamente fez chantagem ao establishment político para lhe conceder a nomeação como primeiro-ministro em 1922.¹⁷

O sucesso de Mussolini causou uma impressão profunda em Hitler e nos nazistas, que foram fortemente influenciados por seu estilo de diversas maneiras, incluindo a adoção do termo “Líder”, a saudação pseudorromana (braço direito rigidamente estendido para frente, a ser saudado pelo líder com o braço direito levantado, mas dobrado para trás com a palma aberta) e o porte de estandartes nos desfiles. O sucesso da “Marcha sobre Roma” pareceu a Hitler e a outras figuras importantes da extrema direita na Alemanha um modelo óbvio a se seguir enquanto o país mergulhava no caos em 1923, com a hiperinflação destruindo a economia, tropas francesas confiscando ativos na região industrial do Ruhr devido a reparações de guerra não pagas e partidos de extrema esquerda ameaçando assumir o poder na Saxônia e na Turíngia. Havia também outra influência importante sobre os nazistas, na forma do líder militar e político nacionalista turco Mustafa Kemal Paxá, mais tarde conhecido como Kemal Atatürk. Seu sucesso nas guerras contra os gregos e os armênios entre 1919 e 1922 e a preservação de uma Turquia unida, desafiando as tentativas aliadas de desmembrar o país, levaram à abolição do Império Otomano, à aceitação da soberania turca pelo Tratado de Lausanne, assinado em 24 de julho de 1923, e ao estabelecimento oficial da República Turca em 29 de outubro de 1923. Os nazistas foram fortemente influenciados pela decisão de Atatürk de transferir a capital do país de Constantinopla, que ele considerava irremediavelmente corrupta, para o ambiente mais limpo e puro (como ele o via) de Ancara. Para Hitler, Munique era a Ancara da Alemanha e Berlim, a sua Constantinopla.¹⁸

O gatilho para a ação foi a nomeação, em 13 de agosto de 1923, do liberal moderado Gustav Stresemann como chanceler de uma ampla coligação de partidos encarregados de pôr fim às múltiplas crises da Alemanha. Nas semanas seguintes, ele introduziu uma política de “cumprimento” do Tratado de Versalhes, retomando o pagamento de reparações e conseguindo assim que os franceses desocupassem o Ruhr. Isso foi um anátema para os nazistas, que conseguiram a participação de

Erich Ludendorff, antigo general da Primeira Guerra Mundial e agora inimigo de extrema direita da República de Weimar, numa revolta armada em Munique, em 9 de novembro de 1923. Hitler anunciou que marcharia sobre Berlim depois de tomar a capital da Baviera e estabelecer um novo governo nacional chefiado por ele próprio. Com uma autoconfiança arrogante, emitiu uma “proclamação pública a todos os alemães”, declarando a formação de um “governo nacionalista” liderado por Ludendorff e por ele próprio, ambos com poderes ditatoriais. Mas a tentativa de *Putsch*, iniciada numa cervejaria nos arredores do centro da cidade, foi dispersada numa saraivada de balas enquanto os nazistas, liderados por Hitler, tentavam invadir o Salão dos Marechais de Campo na Odeonsplatz. Catorze nazistas foram baleados e quatro policiais foram vítimas do fogo nazista. Hitler deslocou o ombro na confusão, mas escapou com a ajuda de cúmplices, apenas para ser caçado e preso dois dias depois, acusado de traição. O sonho de emular Benito Mussolini e Atatürk e estabelecer um regime de estilo fascista na Alemanha havia acabado – pelo menos por enquanto. Inexperiente, cheio de ilusões e excessivamente otimista, Hitler não conseguiu preparar adequadamente a tentativa de golpe e negligenciou a obtenção de apoio, quer ativo, quer passivo, da elite dominante, do exército, do funcionalismo público e da polícia. Ele não cometeria os mesmos erros novamente.¹⁹

III

Hitler havia então descoberto um objetivo de vida para o qual logo ficou claro que seus talentos eram ideais. Porém, logo após a revolta fracassada, ele ficou profundamente deprimido. Pela primeira vez, embora não pela última, foi flagrado pensando em suicídio. Logo, porém, começou a perceber que seu iminente julgamento seria uma oportunidade para se justificar. O governo bávaro conseguiu transferir o julgamento para Munique e nomear um juiz politicamente simpatizante a ele. Tratava-se de Georg Neithardt, que já demonstrara notável clemência ao presidir o julgamento do assassino de Kurt Eisner, o conde Arco-Valley, a cujos motivos supostamente patrióticos prestara homenagem. No julgamento, que começou em 26 de fevereiro de 1924, Neithardt permitiu

que o líder nazista discursasse longamente em defesa de suas ações, que foram, segundo Hitler, motivadas “por um nacionalismo fanaticamente extremo da mais elevada ética e moralidade”. Os tribunais, declarou Hitler, não decidiriam se as suas ações tinham sido justificadas: a história alemã a decidiria. Entre os numerosos réus, Ludendorff foi absolvido e os demais receberam sentenças bastante brandas. Hitler foi condenado à menor pena possível, cinco anos de “encarceramento em fortaleza” (*Festungshaft*) na prisão de Landsberg, a 65 quilômetros de Munique, com liberdade condicional após seis meses. Suas ações na tentativa do *Putsch* foram, declarou o tribunal, inspiradas “por um puro espírito patriótico”.²⁰ Hitler retribuiu ao juiz, estendendo sua nomeação depois que chegou ao poder e depositando uma coroa de flores no túmulo de Neithardt após sua morte em 1941. Enquanto isso, os nazistas mitificaram o *Putsch* e instituíram um culto de martírio em torno de seus camaradas caídos. Os elementos do mito posterior do sacrifício já estavam sendo reunidos no tribunal de Munique.²¹

Pesquisas publicadas recentemente lançaram uma nova luz sobre as condições sob as quais Hitler cumpriu a sua pena. Landsberg era uma prisão moderna, construída pouco antes da Primeira Guerra Mundial, mas, além de presos comuns, também tinha uma seção especial para os condenados ao “encarceramento em fortaleza”. Os infratores condenados nessa categoria não perdiam seus direitos civis, tal como o direito ao voto, nem tinham de usar uniformes de prisão ou fazer trabalhos forçados. Podiam conservar as próprias roupas, receber visitas, aceitar presentes, beber álcool, fumar tabaco e conviver com outros presos da mesma classe. Tinham acesso a um jardim e desfrutavam de muitos outros privilégios. Anteriormente reservado a oficiais, aristocratas e homens que tinham matado ou ferido oponentes em duelo, o “encarceramento em fortaleza” era frequentemente considerado apropriado pelos juízes conservadores da República de Weimar para infratores que, em sua opinião, tinham agido por motivos louváveis e, assim, não mereciam nenhuma forma de punição que os desonrasse. Hitler foi um deles. Os registros da prisão mostram que, enquanto esteve em Landsberg, Hitler recebeu nada menos que 345 visitantes em um total de 524 ocasiões. Erich Ludendorff visitou nove vezes e Ernst Röhm, sete, embora a maioria das pessoas, como Hermann Göring, tenha comparecido

apenas uma vez. Muitos levavam presentes para Hitler, como flores, vinho, bolos e livros, ou suprimentos que ele havia comprado de fora, desde ovos, manteiga, café e macarrão até louças e panelas. As condições na fortaleza eram mais parecidas com as de um hotel do que com as de uma prisão. A cela de Hitler era chamada por alguns de seus visitantes de “a delicatessen”. Entre seus companheiros de prisão no “encarceramento em fortaleza” estavam outros participantes do *Putsch* da cervejaria, como Rudolf Hess; em 28 de abril de 1924, mais quarenta membros da “tropa de choque” nazista foram admitidos. A maioria das celas ocupadas por eles era decorada com suásticas e outros símbolos políticos; o consumo de álcool e tabaco era quase universal entre os presos (Hitler, um não fumante abstinente, era exceção); estavam disponíveis equipamentos para escrever, incluindo máquinas de escrever e escrevaninhas; e os prisioneiros podiam jogar, corresponder-se livremente com o mundo exterior e organizar o dia como quisessem. A prisão se tornou, durante vários meses, a sede informal do Partido Nazista. Contudo, Hitler mantinha distância de todos os esportes coletivos, jogos e outras atividades que se ofereciam. “Um líder”, disse ele, “não pode se permitir ser derrotado por membros da sua comitiva”.²²

Entretanto, com a chegada de cartas de apoio à sua visão durante o julgamento e a expressão de admiração por parte de muitos visitantes por sua coragem em tentar o *Putsch*, Hitler percebeu que os acontecimentos de 1923-1924 o tinham catapultado a uma posição de liderança praticamente indiscutível nos círculos ultranacionalistas da extrema direita. Cada visitante de Landsberg e cada carta de fã reforçavam a sua autoconfiança e seu senso de missão. Tendo vários meses de lazer forçado à sua disposição, Hitler decidiu reelaborar o discurso que proferiu em seu julgamento, junto com outros escritos, e compor uma defesa completa. Ele mandou entregar em sua cela uma máquina de escrever e várias resmas de papel, trazidas de fora, e ao longo dos meses seguintes compôs uma elaborada narrativa de sua vida e uma justificativa de suas ações e crenças, muitas vezes trabalhando até altas horas da noite. Gradualmente, a escala do projeto cresceu até se tornar também um elaborado manifesto político, concebido sobretudo para sublinhar sua pretensão de liderar o Partido Nazista, que, na sua ausência, se desintegrava em uma miríade de facções rivais. Após a sua libertação em 24

de dezembro de 1924 e tendo passado apenas nove meses na prisão de Landsberg, Hitler retirou-se para uma pensão em Obersalzberg, nos Alpes Bávaros, a qual visitara no ano anterior, e continuou a redigir o que ficou conhecido como *Mein Kampf*, “Minha luta”. Uma edição acadêmica publicada recentemente nos permitiu aprender mais sobre as condições da sua composição e formar uma opinião nova e crítica do seu conteúdo. A edição mostra como, mudando partes do texto, Hitler decidiu dividir o livro em dois volumes, terminando o primeiro a tempo de ser publicado em 18 de julho de 1925. Hitler escrevia lentamente e o volume dois demorou um pouco mais, mas nas fases finais da escrita contou com o auxílio de uma secretária que redigia rascunhos a partir de ditados, agilizando o processo e permitindo a publicação em 10 de dezembro de 1926. Uma edição popular em um volume surgiu em 1930. O escrevente e companheiro de prisão de Hitler, Rudolf Hess, e sua esposa, Ilse, que já tinham feito o trabalho editorial do primeiro volume, passaram vários meses junto a Josef Stolzinger-Cerny, funcionário do diário nazista *Völkischer Beobachter*, corrigindo o alemão inculto de Hitler e melhorando sempre que possível seu estilo desajeitado. Porém, o texto em si era inteiramente obra do próprio Hitler.²³

Para Hitler, que fora legalmente proibido de falar em público naqueles anos, o *Mein Kampf* era em grande parte o substituto para os discursos que ele teria feito se as circunstâncias fossem outras e foi escrito num estilo bastante parecido, com inúmeras repetições e exageros, apelando mais para as emoções do que para o intelecto. Sua linguagem era repleta de absolutos: as decisões eram “inalteráveis”, os inimigos seriam “aniquilados”, as políticas eram “incondicionais”. Tudo era reduzido a simples dicotomias: bem ou mal, sucesso ou fracasso, triunfo ou desastre. Tudo isso era reflexo, entre outros, da militarização da política na Alemanha dos anos 1920, a começar pelo título do livro e prosseguindo no texto, que transformava conceitos negativos, como “brutal”, “fanático”, “implacável” e “bárbaro”, em conceitos positivos. Tal como em seus discursos, Hitler recorria a expressões religiosas, provérbios populares e breves citações dos clássicos para dar peso às suas declarações. Particularmente notável é o emprego da frase *Sein oder Nichtsein* (“ser ou não ser”), do *Hamlet*, de Shakespeare, nada menos do que seis vezes para sublinhar a abordagem de “tudo ou nada” ao que ele pensava estar em

jogo para a Alemanha na Primeira Guerra Mundial. Os judeus são reduzidos a um singular coletivo (“o judeu”, em vez de “os judeus”) e descritos em termos desumanizantes como “bacilos da peste” ou “vermes”, revelando o núcleo exterminador do antissemitismo de Hitler desde o início.²⁴ Diatribes contra suas supostas degeneração e subversividade ocupam grande parte do livro.²⁵ É notável, no final do segundo volume, o que ele escreveu sobre os judeus da Alemanha: “Se alguém tivesse, em alguma ocasião, no início da guerra e durante a guerra, mantido sob gás venenoso 12 ou 15 mil desses poluidores hebreus do povo, como tiveram de sofrer centenas de milhares de nossos melhores trabalhadores alemães de todas as classes e profissões servindo o exército no fronte, então os milhões de sacrifícios do fronte não teriam sido em vão”.²⁶

No final do livro, Hitler deixa claro que já se vê como o futuro líder da Alemanha, elevado à grandeza histórica pelo “destino” e pela “providência”. Embora evite dar muitos detalhes sobre as políticas que pretende implementar se e quando chegar ao poder, seus contornos gerais já estão aparentes: supressão de toda a oposição, destruição da democracia, criação de uma ditadura (embora ele tenda a evitar essa palavra), conquista militar de “espaço vital”, particularmente na Europa Oriental, revogação da cidadania dos judeus da Alemanha, proibição da reprodução dos eugenicamente “inaptos” e uso implacável da pena de morte para esmagar a resistência política. Algumas das passagens mais legíveis do livro são dedicadas à propaganda; nessas passagens, em uma projeção do que Hitler pensava serem os métodos inescrupulosos dos socialistas na Áustria pré-guerra e dos britânicos e seus aliados durante a guerra, as massas são vistas com desprezo como “efeminadas”, passivas, facilmente influenciadas por apelos repetidos às emoções. As massas, ele escreveu, queriam a “vitória dos mais fortes e a aniquilação dos fracos ou sua submissão incondicional”. “A nacionalização das nossas massas só terá êxito se [...] seus envenenadores internacionais forem exterminados”. Era necessário conquistar o povo se Hitler quisesse alcançar o poder, mas, ao mesmo tempo, era necessário usar a violência exterminadora contra os sociais-democratas e os comunistas e contra a conspiração judaica que, pensava ele, os guiava.²⁷

As descrições extasiadas no *Mein Kampf* das vitórias sangrentas das tropas de choque nazistas em brigas em salas de reuniões contra seus

opponentes “marxistas” e sua violência provocativa em uma marcha através de Coburgo em outubro de 1922 deixavam claro que a violência de massa continuaria a ser uma parte essencial das táticas nazistas, além do apelo às massas para que votassem neles nas eleições e do cortejo das elites alemãs nos bastidores. O livro exala um espírito avassalador de ódio e ressentimento, um extremismo assassino, um desrespeito implacável pela decência humana comum e um desprezo cínico pelas convenções da vida política. Hitler revela aqui, plenamente e pela primeira vez, o verdadeiro núcleo da sua personalidade política – os princípios do “mundo cão” das sarjetas importados para o mundo da política *mainstream*.²⁸

O primeiro volume do *Mein Kampf* vendeu razoavelmente bem: a primeira impressão de 10 mil exemplares quase esgotou no final de 1925. O segundo volume não teve tanto sucesso, mas a edição popular de volume único, publicada em 1930, quando Hitler se tornava nacionalmente conhecido, vendeu 228 mil cópias até o final de 1932. No entanto, o livro não exerceu um grande impacto político antes de 1933 nem foi amplamente lido ou compreendido. Depois que Hitler chegou ao poder, era praticamente obrigatório possuir um exemplar; todo casal recém-casado recebia do governo, gratuitamente, um exemplar. Ao todo, o livro vendeu um total de 12 milhões e 450 mil exemplares entre a sua primeira publicação em 1925 e a morte de seu autor, vinte anos depois.²⁹ Ele já havia proporcionado a Hitler uma renda significativa antes de 1933 e ajudaria a torná-lo um homem rico depois.³⁰

Qualquer pessoa que procure planos e programas detalhados no *Mein Kampf* se decepcionará. Muitas das suas declarações mais programáticas, desde a necessidade de aumentar os salários reais e proteger os trabalhadores da exploração até a conveniência de defender os direitos dos estados federados contra intromissões da autoridade central ou, na política externa, a intenção de forjar uma aliança com a Grã-Bretanha, seriam ignoradas ou não cumpridas depois que Hitler chegasse ao poder. O que transparece, no entanto, é o caráter e as crenças de Hitler, e elas são expressas de uma maneira tão inequívoca que um leitor atento certamente teria percebido em termos gerais o que ele faria e como governaria se algum dia chegasse ao poder. As primeiras alegações feitas na Alemanha do pós-guerra de que, embora um grande número de

peças tivesse comprado o livro, quase nenhuma delas se tinha dado ao trabalho de lê-lo, eram evidentemente autojustificáveis: na verdade, o volume não só foi repetida e extensivamente citado pelos nazistas e propagandistas, mas também, embora ainda houvesse uma imprensa livre na Alemanha antes de 1933, era frequentemente discutido nos principais jornais, muitas vezes extensamente.³¹

Uma das muitas funções do *Mein Kampf* na época de sua publicação foi consolidar a reivindicação de Hitler de liderar a ultradireita nacionalista na Alemanha, projetando uma imagem de si mesmo como um pensador e também como um homem de ação. Durante sua ausência forçada da política de 1924 a 1926, ele não fez nenhuma tentativa no sentido de reconciliar as facções beligerantes que preencheram as lacunas de poder; ao contrário, incentivou a competição por poder na expectativa de que nenhum grupo da extrema direita se fortalecesse o bastante para resistir a ele em seu regresso – uma técnica que ele utilizaria em seus quadros de liderança com grande sucesso durante o Terceiro Reich.³² Nos dois anos após sua libertação, porém, ele reuniu o partido, refundando-o formalmente no início de 1925. Não teve escrúpulos em usar suas tropas de assalto para atacar e intimidar os seus rivais na extrema direita, interromper suas reuniões e pressioná-los a se juntarem a ele.³³ E descartou outros rivais reais e potenciais, marginalizando-os – em especial Ludendorff, quem ele encorajou a concorrer nas eleições para presidente do Reich em 1925 sabendo que o general não conseguiria ganhar mais do que um punhado de votos, condenando-o assim à irrelevância política. Mais do que isso, Hitler trabalhou arduamente para ampliar o Partido Nazista desde a sua base na Baviera até o norte do país. Ali ele encontrou um tipo de “nacional-socialismo” bastante diferente do seu – mais de esquerda, mais anticapitalista. Numa ofensiva de charme pessoal, conquistou para o seu lado os seus principais proponentes, Joseph Goebbels e Gregor Strasser. Reconhecendo as habilidades de Goebbels como propagandista e as de Strasser como organizador, atribuiu-lhes a responsabilidade por esses aspectos das atividades do partido. Eles não abandonaram totalmente as suas opiniões anteriores – e nem Gottfried Feder, também membro da “esquerda nazista”, o principal responsável pelas cláusulas econômicas do Programa do Partido de 1920 –, mas elas se tornaram muito menos influentes,

ainda mais porque Hitler então redobrava seus esforços para conquistar a comunidade empresarial para a sua causa.³⁴

No entanto, uma das características mais marcantes do *Mein Kampf* era a sua falta de realismo político. A autoconfiança ilimitada com que Hitler se retratava como futuro líder da Alemanha era uma expressão da sua força de vontade e não o produto de observação política. Seu desprezo indiferente pela realidade da situação em que se encontrava se repetiria nos meses finais da Segunda Guerra Mundial. Ele continuava vivendo num mundo de fantasia, mas num mundo em que agora era um grande líder e não um grande artista – ou melhor, talvez, um grande artista que agora voltava sua atenção para a remodelação e a reformatação da política alemã. O livro foi escrito no momento em que a República de Weimar começava a se estabilizar. Hitler permanecia nas margens externas da direita política. Nas eleições para o Reichstag de 20 de maio de 1928, os nazistas obtiveram risíveis 2,6% dos votos nacionais, um número ainda mais baixo do que haviam conseguido quatro anos antes. As eleições levaram ao poder uma “grande coligação” de partidos centristas sob o comando do social-democrata Hermann Müller. A república parecia finalmente entrar nas águas calmas da estabilidade política, da prosperidade econômica e da paz social. No entanto, tudo isso estava prestes a mudar, e de uma forma mais dramática do que teria sido possível imaginar.³⁵

IV

Em outubro de 1929, os preços das ações em Wall Street, havia muito sobrevalorizadas, começaram a cair a níveis sem precedentes. A “Quinta-feira Negra” foi seguida pela “Segunda-feira Negra”, e depois pela “Terça-feira Negra”, quando bilhões de dólares foram apagados do valor das ações. Nos três anos seguintes, elas perderiam quase 90% do seu valor. Mais de 4 mil bancos e outras instituições de crédito foram à falência quando os investidores sacaram os seus fundos para tentar fazer frente às despesas. Na Alemanha, os efeitos da quebra de Wall Street foram particularmente devastadores, pois a recuperação econômica após o fim da inflação em 1924 tinha sido financiada principalmente por

Um estudo biográfico do círculo íntimo de Hitler que oferece uma nova maneira de enxergar os horrores do regime nazista

Por que tantos alemães participaram dos crimes da Alemanha nazista? Como passaram a apoiar Hitler e segui-lo quase até o fim? Por muito tempo, os nazistas foram apresentados como psicopatas ou criminosos. Em sua nova obra, o renomado historiador Richard J. Evans recorre a uma vasta quantidade de evidências recentes para remover a aura de mito e lenda dos rostos por trás do Terceiro Reich e apresentar uma visão mais realista dos nazistas, vistos como seres humanos perturbadoramente semelhantes a nós.

Evans traça retratos complexos, renovados e muitas vezes surpreendentes de homens e mulheres que criaram e serviram à Alemanha nazista, começando pelo próprio Hitler e avançando por figuras centrais como Göring, Goebbels e Himmler; executores diretos das ordens de Hitler, como Eichmann e Heydrich; propagandistas como Leni Riefenstahl; agentes de escalão inferior, como a notória Irma Grese; além de simpatizantes anônimos e companheiros de jornada que ajudaram o regime de inúmeras maneiras.

Seguidores de Hitler é uma obra brilhantemente escrita, que permite ao leitor compreender a dinâmica e os valores do Terceiro Reich, e refletir sobre o quão longe pessoas são capazes de ir quando não há restrições morais.

CRÍTICA



9 788542 241822